a função desejo do analista: lugar da causa

Ângela Diniz Costa

Zilda Machado

O desejo do analista, em primeiro lugar, é referido a Freud e abordado por Lacan como tendo um papel ambíguo e prevalente na transmissão da psicanálise. Segundo Lacan, o *campo freudiano* da prática analítica permanece na dependência desse desejo original. Embora o seminário anunciado "Os nomes do pai" — através do qual Lacan visava a colocar "em questão a origem, isto é, por qual privilégio o desejo de Freud tinha podido encontrar, no campo da experiência, designado como inconsciente, sua porta de entrada" — tenha sido logo interrompido após sua primeira lição, Lacan persiste em seu propósito ao desenvolver, no seminário XI, o estatuto conceitual dos quatro termos (inconsciente, repetição, transferência e pulsão) introduzidos por Freud como conceitos fundamentais à experiência analítica. Lacan aborda aí a questão do papel de Freud e de seu desejo, tanto na direção da cura como no movimento psicanalítico, fazendo uma análise daquilo que tem tido um caráter religioso na psicanálise. Assim, ao retornar ao texto freudiano, ele o faz não no sentido comum de buscar uma autenticidade do seu ensino, mas propondo fazer a psicanálise passar de uma obediência religiosa ao uso científico dos conceitos formulados por Freud.

O que vemos é Lacan trazer a psicanálise para o estatuto da ciência. Se a ciência é especificada por ter um objeto que lhe é próprio, Lacan coloca a questão: qual é o objeto da psicanálise? A partir de quais determinantes poderemos dizer que se opera com esse objeto? É aí que Lacan articula o conceito de desejo do analista para formular o que é específico do psicanalista em sua práxis.

Ao estabelecer essa perspectiva de fazer um retorno a Freud, Lacan é enfático: o desejo do analista não pode ser deixado de fora da questão, pela "razão de que a formação do analista o coloca". O significante desejo do analista devemos a Lacan, que o elaborou ao longo de seu ensino; e para abordarmos a função que Lacan nomeia como desejo do analista, faz-se necessário partir do eixo conceitual — o desejo como desejo do Outro — por ser este um conceito-chave na

orientação lacaniana da direção da cura, na medida em que o desejo como desejo do Outro implica a dialética da constituição do sujeito no campo do Outro e evidencia que o sujeito se realiza pela via do Outro.

Tanto a filosofia quanto a ciência concebem o sujeito como uma unidade situada por uma relação ao saber: é um sujeito que sabe o que quer e o que faz.

É justamente aí que a psicanálise opera uma subversão, ao contrapor a essa noção o sujeito do inconsciente, aquele que não sabe que é, nem sabe o que diz, um sujeito que se oculta na alienação ao significante ou aparece nas surpresas das manifestações do inconsciente.

E seu desejo? Lacan vai articular que o sujeito não tem de seu desejo a mínima referência, porque o desejo é desejo do Outro e "é como desejo do Outro que o desejo do homem encontra forma". O desejo está suspenso na cadeia significante que constitui o sujeito sob a forma da metonímia, e só ao se perguntar pelo desejo do Outro é que o sujeito pode pegar uma trilha para saber de seu próprio desejo.

No texto "A significação do falo", podemos verificar como Lacan formula o desejo como desejo do Outro, ao introduzir uma discussão sobre a necessidade, a demanda e o desejo.

Um dos efeitos da presença significante é o desvio das necessidades do homem pelo fato de que ele fala, "no sentido de que, por mais que suas necessidades estejam sujeitas à demanda, elas lhe retornam alienadas", dado que o sujeito recebe sua própria mensagem do Outro em forma invertida. A necessidade é determinada pela demanda e, como conseqüência, termina por vir ao sujeito como do Outro. Portanto, a necessidade é criada a partir da demanda do Outro, o que por si só a tira do domínio da natureza.

O que se encontra "alienado nas necessidades constitui uma *uverdrangung*" que, por não poder articular-se na demanda, "constitui aquilo que se apresenta no homem como desejo". Assim, o desejo é o efeito estrutural da demanda sobre a necessidade.

A *uverdrangung*, o recalque originário, não é, em princípio, acessível à elaboração significante, ou seja, há algo dessa necessidade que escapa ao significante, tanto no pedido do sujeito, como na resposta do Outro.

É esse ponto de falta o que resta atravessado na garganta do significante que constitui o desejo, enquanto contorno de duas faltas.

Assim, o recalque originário é a maneira de dizer de uma perda sem retorno, pura perda, que só retorna enquanto desejo, já operando desde o início como causa.

Então, o que causa vem da inscrição significante na linguagem e da perda que se segue, pela maneira como o sujeito se constitui no Outro do desejo, onde ele encontra sua inscrição como sujeito desejante, mas desejante do desejo do Outro; tanto para o sujeito quanto para o Outro, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos de amor, têm que ocupar o lugar de causa de desejo, evidenciando que, na constituição do sujeito que se faz no campo do Outro, há um resto: objeto a — causa de desejo.

"O objeto a, ele é nossa existência a mais radical, é a única via na qual o desejo pode nos mostrar aquilo em que teremos, nós mesmos, que nos reconhecer, este objeto a situa-se, como tal, no campo do Outro; não unicamente ele deve ser situado aí, mas é aí situado para cada um e por todos e é isso que se chama a possibilidade de transferência".

Desde essas premissas, como situar o ponto de passagem onde o desejo definido como "o desejo é o desejo do Outro" pode tornar-se o ponto de sustentação de um percurso analítico, na medida em que nele está implicada a transferência, e distinguir-se enquanto desejo do analista?

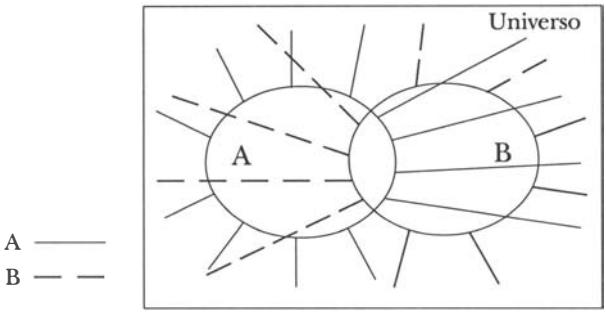
Para tanto, vamos recorrer ao tetraedro utilizado por Lacan, com o qual é logicizado o trajeto de uma análise e no qual o final de análise é marcado como separação de **a** e menos - j, torção que indicaria a passagem do analisante ao lugar do analista.

Nessa elaboração, o lugar do analista é definido como o da causa de desejo.

Em um dos vértices do tetraedro é colocada uma interpretação específica do cógito cartesiano, na qual é aplicada a "negação complementária da fórmula de Morgan — $\overline{A \cap B} = \overline{A} \cup \overline{B}$ ou seja, a não interseção de A e B equivale à reunião de não A e não B)".

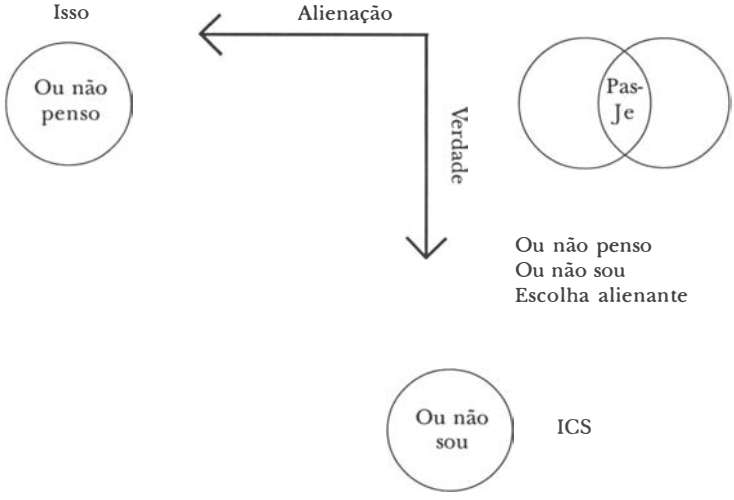
Essa negação complementária da fórmula de Morgan chama-se, em Lógica, "Princípio de dualidade". E assim o cógito fica transformado: "penso, logo sou" em "ou não penso, ou não sou".

Ou seja, pensar e ser excluem-se mutuamente. A interseção entre ambos implica a própria negação. Assim, essa dupla negação produz um efeito positivo, isto é, as duas negações se anulam entre si.

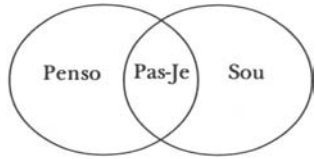




Então a formulação afirmativa seria: "pensar sem eu (*je*)" e um "ser sem eu (*je*)", indicando a eleição forçada da alienação para todo sujeito: "ou não penso ou não sou".



O não introduzido dessa forma na eleição forçada da alienação que está posta para todo sujeito não afeta o ser, nem o pensar em si, mas o eu (*je*).



Este "*pas-je*" é o Isso que não é a primeira, nem a segunda, nem a terceira pessoa, senão tudo o que no discurso não é "*je*", ou seja, todo o resto da estrutura gramatical. É o que se enuncia em: "Bate-se em uma criança".

"Essa fantasia, como suporte mesmo do que se trata na pulsão, não se comenta, mas se mostra como a montagem gramatical de onde se ordena seguindo diversas inversões — *verkehrung* — o destino da pulsão, e indica bem que não há outro modo de fazer funcionar o "*je*" enquanto "ser" em sua relação ao mundo, se não é ao fazê-lo passar por essa estrutura gramatical que é a essência do Isso enquanto "*pas-je*". É por isso que o sujeito enquanto "*je*" é excluído da fantasia, é por isso que o "*je*" só aparece como sujeito batido na reconstrução significante da interpretação".

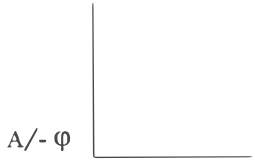
Essa é uma referência à afirmação de Freud de que a segunda fase da fantasia — "estou sendo espancado pelo meu pai" é a fase mais significativa: "Jamais teve existência real, nunca é lembrada, é uma construção em análise."

A estrutura tetraédrica localiza nos dois pólos opostos a conjunção/disjunção entre o Isso (lugar do não penso) e o Inconsciente (lugar do não sou).



A partir do aforisma freudiano *wo es war soll ich werden*, podemos verificar como Lacan logiciza o trajeto de uma análise: "Há dois 'lá onde isso era'. O primeiro corresponde ao 'eu não penso' do sujeito alienado, ligado a esse sujeito como falta. O segundo 'lá onde isso era' é o que fica ligado ao 'eu não sou' do inconsciente como objeto, objeto de perda."

Então, se o imperativo freudiano indica uma operação que implica um saber d'Isso, Lacan propõe a construção da fantasia como uma via necessária de dessubjetivação da falta e da perda, indicando o outro pólo do tetraedro como passagem para o final de análise.



O fim da psicanálise supõe uma certa realização da operação verdade, que, com efeito, faz o sujeito realizar algo de um pensamento que comporta o "eu não sou", e reencontrar seu lugar sob a forma do "lá onde isso era", no nível do "eu não sou" que se encontra nesse objeto **a** e, por outro lado, essa falta que se chama desejo. Mas, ao final de uma análise, essa falta se traduz por essa coisa encarnada na castração.

Assim, a inversão da "relação da esquerda do tetraedro, que faz corresponder o 'eu não penso' do sujeito alienado à direita ao 'lá onde isso era' do inconsciente, na descoberta do 'lá onde isso era' do desejo, no 'eu não sou', é o que suporta a identificação do **a** como causa de desejo, e do menos phi como lugar onde se inscreve a hiância da inexistência do ato sexual".

A verdade "é que a falta é a perda e essa perda é causa de outra coisa".

Assim, a operação verdade que se realiza sob transferência na experiência analítica é que "o sujeito depende desta causa que o faz dividido e que se chama objeto **a**". O sujeito não é causa de si, ele é "conseqüência da perda", e a experiência o coloca na conseqüência dessa perda, que constitui o objeto **a** para saber o que lhe falta.

Então, o que o sujeito do ato analítico pode saber na experiência analítica ele só o sabe através da transferência, e "o final da análise consiste na queda do sujeito suposto saber e sua redução ao advento desse objeto **a**, causa da divisão do sujeito que ocupa o lugar onde antes era o SsS que ocupava".

"O analista é aquele que vem ao final da análise suportar ser esse resto da coisa sabida".

Partindo então dessa formalização de Lacan, através do tetraedro, sobre aquilo de que se trata no percurso de uma análise, podemos dizer que o que constitui o próprio da análise é operar com a perda constitutiva do sujeito, perda enquanto

instrumento com o qual se faz algo. Na experiência analítica, trata-se de realizar esse circuito que vai da falta à perda. Aqui o objeto passa a ser objeto da perda, objeto perdido inicial sobre o qual Freud insiste durante toda a época em que nasce a teoria do inconsciente. Está aí o objeto perdido, causa de desejo.

Quando trata do lugar do analista, em sua articulação com o objeto, Lacan nos aponta que o analista, ocupando o lugar de causa, como semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que constitui a razão ética da psicanálise: tratar a questão da causa. Pois o sujeito há de manifestar-se na sua hiância, isto é, no que causa seu desejo. Podemos então depreender que estabelecer o lugar do analista, enquanto objeto, indica que sua função é ser instrumento dessa causa de desejo, o que aponta para um dos nomes que concerne ao "desejo do analista".

Para sustentar a função do analista situado no lugar da causa do desejo, faz-se necessário um sujeito que tenha ele mesmo passado pela prova da transferência.

Se essa é uma condição fundamental, parece não ser suficiente, pois, para Lacan, ocupar o lugar do analista não requer somente um "experimentado" da transferência ou do inconsciente. Lacan postula que esse lugar do analista requer um sujeito transformado, a quem tenha advindo um desejo inédito que, na "Nota Italiana", é referido ao desejo de saber que se distingue tanto da ciência, "que da verdade como causa, não quer saber nada", quanto da civilização, na medida em que esta não deseja o saber.

É nesse viés que o desejo do analista, enquanto desejo inédito, coloca o analista como existindo, se esse desejo de saber lhe advém, bem como o coloca como rebotalho da humanidade.

Relendo a "Nota Italiana", vê-se que Lacan marca uma diferença fundamental entre quando existe um analista e quando há apenas uma análise, apontando que, para o analista, a análise está para além do terapêutico. "Saber ser um rebotalho" é ao menos o que a análise deve tê-lo feito sentir. Se isso não o levou ao entusiasmo, pode ter havido análise, mas nenhuma chance de haver analista.

O que é "determinante é o que o sujeito faz com o que sabe ao final, e particularmente com o que sabe ser, e o que faz com o que sabe não está prescrito pelo saber, senão por seu desejo".

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade (1965/1966). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A significação do falo (1958). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Nota Italiana. In: *Opção Lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. n. 11, novembro, 1994.

LACAN, Jacques. *O seminário. Livro XI : os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro X: a angústia*. Lição de 03/ 07/63. Inédito

LACAN, Jacques. *O Seminário: a lógica da fantasia*. Lição de 11/01/67. Inédito.

LACAN, Jacques. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. (1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOLER, Colette. In: *Qué Psicoanálisis?* Buenos Aires: Publicación, 1994.